

A

# NOVA MINERVA,

REVISTA

DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES,

LITTERATURA, E COSTUMES.



RIO DE JANEIRO,  
TYPOGRAPHIA DE M. A. DA SILVA LIMA.

1846.

# A NOVA MINERVA.

## REVISTA

DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES, LITTERATURA, E COSTUMES.

A NOVA MINERVA publica-se todas as semanas; contém cada numero de 16 à 20 paginas de impressão.

Subscreve-se mensalmente pela quantia de 1\$000 réis, no escriptorio da typographia, rua de S. José n. 8.



### AS LIMENHAS.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERCEDENTE.)

Huma prova recente do que levamos dito, são as observações de Mr. Cabanis a respeito do Brasil. Escriptas ellas com prevenção, sem imparcialidade, e sobretudo sem verdade, são huma creação phantastica da imaginação do autor que não exprimem nem apresentam nada de *real* na condicção, caracter e costumes deste paiz. Fallando das senhoras fluminenses, por exemplo, assegura ufano que não ha mais do que huma ou duas bellas, e que pelo geral são impudicas no seu ar e nos seus olhares para os homens; asserção tanto mais falsa quanto que, segundo o juizo dos estrangeiros mesmos, domiciliados, ou que tem residido longo tempo neste paiz, no Rio de Janeiro ha em abundancia, assim como em S. Paulo, Rio Grande e Maranhão, senhoras que pôdem competir em belleza com as melhores da Europa, e luzir em qualquer dos salões de Londres, Paris e Madrid. E ainda mais falsa e contraria á evidencia he a observação do viajero Cabanis a respeito da pretendida impudicia do bello sexo brasileiro. Talvez este pecca pelo extremo contrario, isto he, por hum encolhimento e huma reserva que o afasta demasiado da sociedade dos homens, e muito mais de terem a liberdade e o valor de olharem com ar de insinuação para os homens que passam junto de suas

janellas. Educadas as brasileiras da alta classe sob o systema severo e sobradamente honesto dos portuguezes, que se distinguiram pelo isolamento nas suas familias, está em opposição com os factos, com a historia e a verdade o acerto de que ellas possam levar comsigo a mancha que os olhos anuviados de Mr. Cabanis viram nas timidas e mimosas filhas de Amazonia.

A descripção das Limenhas, inserta na Illustração não pertence á classe das feitas por viajeros como Mr. Cabanis e outros de quem temos fallado: ella he quasi exacta e muito brilhante, quanto aos costumes d'aquelle sexo; porém quanto a seu caracter e á sua moral he exaggeradissima, senão falsa, seja que o articulista falle por juizo proprio, seja que emitta a opinião de outros. Quanto a esta parte, a mais interessante sem duvida no conhecimento da vida dos povos, podemos dizer de seus autores o que hum romancista moderno diz tão verdadeira como elegantemente,

« Sabido he que os poetas estudam o coração da mulher indo a ver á sahida da aurora. Todos os que manejam mal a penna tem o costume de começar huma multidão de phrases com estas palavras; as mulheres fazem, as mulheres são, as mulheres dizem, etc. Isto he hum disparate. Philosophicamente a palavra mulher não tem plural. E mesmo quando se emprega o singular he preciso especificar a idade, a posição e a bora do dia. A

mesma mulher não se parece a si mesma aos seis mezes de intervallo. Da noite à manhã muda às vezes a ponto de não poder-a conhecer. E oh! temerarios vindes a fallar-nos *das mulheres* do mesmo modo que poderíeis fallar se a fome as tivesse feito naturalistas de testaccos, mamiferos de oviparos, ou de fosseis. Dissertais, louvais, condemnais do que conheceis;—ou crêdes conhecer.—De vossas mulheres, de vossas queridas, deduzis as vossas conclusões sobre o desconhecido, sobre a mulher de outro, sobre o *sexo*, como dizeis, quando não quereis lançar-vos nesta grande phrase: « a metade mais bella do genero humano. » E o que he mil vezes mais deploravel, fazeis uma historia sobre o coração da mulher. Traduzis latim e grego, em lugar de *olhar*, citais em vez de observar, e com o auxilio d'hum verso ou uma phrase nos explicais o character de Fanchon. Horacio não conhecia Fanchon, e Fanchon não conhecia Horacio. Grande verdade he que Mesalina tem existido: grande desgraça he que haja havido mulheres parecidas a Mesalina. O que prova isto? Com que direito fazeis do nome de Mesalina uma qualificação, hum adjectivo? Não estais fazendo-o, quasi seguros de insultar, á pessoa que comparais com ella? Creis que Magdalena, outro adjectivo os agradeça muito das menções honrosas que nos fazeis della em vossos periodicos? Magdalena se arrependeu, não podereis perdoal-a? Isto he assumpto já regrado, toda a mulher que tem peccado se chamma Mesalina ou Magdalena. Não ha meiotermo: a corrupção e o abandono ou o arrependimento; tal he o vosso *verdicto*!....

Na classe baixa de Lima ha mulheres desonestas e immorales; por isso todas as senhoras daquella civilizada capital o são tambem! Em Londres e em Paris, como em Roma e em Vianna ha mulheres corrompidas e mais que em nenhuma outra parte comparativamente a sua povoação e á miseria do maior numero; por isso direis tambem que naquellas primeiras e mais cultas cidades do mundo

são todas as senhoras corrompidas? Está a vossa conclusão escriptores de costumes.

« Desconfiai das mulheres de Lima! serêas perfidas que lançam mão de tudo, de voz doce, palavras insinuantes, eloquencia persuasiva para acender em hum estrangeiro huma paixão que só tem por fim o amor proprio, á que se ajuntam quasi sempre calculos de interesse; não deis fé ás suas palavras, ás suas supplicas, sede insensivel ás suas lagrimas; nestas mulheres tudo he fogo: os olhos são de fogo, a alma de gelo, os labios fallam, porém não o coração. Desconfiai dellas, senão comprareis a experiencia por desgostos bem crueis. » Eis-aqui o que dizem do sexo de Lima os estrangeiros a quem se refere a Illustração! oh! vós divino Homero, cisne mantuano, cego Milton, desgraçado Camões, e vós Aguiá da Caledonia, vaporoso Byron, alçai-vos de nossas tumbas para ouvir como em simples prosa a poesia tem mais encantos que em nossos versos infaveis! Aprendei tambem vós outros homens das terras mortas a escrever titanicamente! Não se pode conceber a facundia destes escriptores sobre o bello sexo de Lima que o acham todo immoral, todo falso, todo perigoso como as serpes da Numidia! He talvez porque em seus amorosos versos não acharam como o poeta de Sorrento huma irmã do duque de Ferrara a quem namorar, ou as apotheosis do capitolio com que Roma o coroou! Porém já nós temos estendido demasiado, vamos ouvir as mesmas palavras do artigo offerecido.

« Ha poucas opiniões contraditorias a respeito das mulheres de Lima. Todos os viajantes que visitaram o Perú, sabios, artistas, especuladores, qualquer que fosse o paiz a que pertencessem, todos pagaram o tributo devido ás Limenhas, e de accordo, decidiram que eram as mulheres mais seductoras do mundo.—O epitheto espanhol *hechicera* pôde ser-lhes applicado em todo o sentido; com effeito, sua graça, elegancia, belleza e particularmente o relampago rapido de seus olhos pretos (ojçada) fizeram muitas vezes

maravilhas que não desmentem a vâra das fadas de outros tempos. »

« Se tivéssemos a pretensão de escrever a historia das Limenas, fariamos primeiro sair de suas phalanges misteriosas duas mulheres que percorreram a vida com missões bem differentes. — Huma dellas, absorvida em celestes extasis, entregue inteiramente ás illuminações de hum amor divino, feria seus pés descalços nos duros seixos, molestando seu bello corpo com a crina erissada do silicio, e só vivendo para o céu. — A outra alegre e folgasona, existia no presente, abusava de todos os esplendores do luxo e tinha á discreção os thesouros e o orgulho de hum Vice-rei de quem era idolo. Ambas deixaram vestigios em Lima de sua passagem: huma, hum convento aonde se ora e se espera; a outra dois monumentos em huma vasta e sombria alameda onde, em noites serenas, vem as mulheres, ao ruido de repuchos d'agua, sonhar e fallar em amor. — Destas duas mulheres, a primeira he santa Rosa, patrona de todas as Americas; a segunda he simplesmente a comica Mariquita Villegas, mais conhecida debaixo do nome da Pericholi. »

« As Limenas dos nossos dias conservam como hum reflexo destas duas naturezas opostas. Ha nellas ao mesmo tempo beatismo e bizzarria; he o que explica a pequena digressão que fizemos a fim de não lhes nodoar com hum traço de seu caracter. »

« O que admira á primeira vista em Lima, he o vestuario pitoresco e misterioso das mulheres. Este vestuario, que se parece com o das mourescas, de onde tiram de certo a sua origem, tomou o nome de seus dois principaes elementos, que são *saia* e *manto*. — Só he usado em Lima, e as Limenhas se servem delle unicamente de dia, quando sahem para ir á igreja, á procissão, ou ao passeio. Compõe-se elle de huma manta de seda de hum tecido elastico, apertado na cintura por huma extremidade e relevado por outra até a cabeça. As Limenas levam com a mão adestrada esta manta sobre o rosto de maneira

que o cubra inteiramente, deixando apenas em frente de hum dos olhos huma estreita abertura que serve a dirigir-lhes o caminho. A ponta do chale, levantada por traz nesta manta, deixa ver inteiramente a cintura. A saia he de setim, apertada na cintura, franzida nas nadezas, e perfeitamente justa até abaixo do corpo, dahí estufa-se por vestimentas interiores fortemente emgomadas, e cabe com graça formando mil pregas iguaes que vão pouco e pouco se alargando de seu nascimento á sua base. As cores mais usadas para as saias são o azul de smalte, o preto e o verde de esmeralda. »

« O bom gosto fez justiça ha alguns annos á *saia angosta*, especie de sacco que cahia da cintura até aos tornozellos, desenhando, sem pudor, as formas do corpo; a parte inferior era tão estreita que paralysava quasi o movimento das pernas, o que tirava ás mulheres sua mais poderosa seducção: a graça e a ligeireza de seu desembaraço. »

« O chale he a parte de mais luxo deste vestuario, os mais apreciados são os da china; surprehendem pela variedade e admiravel harmonia de seus matizes, são magnificamente bem bordados de flores vivas e frescas, que podiam fazer secar de inveja as flores naturaes. Qualquer que seja a posição social das Limenas, ellas calsam com hum cuidado extremo, suas meias são geralmente de seda cõr de carne, os sapatos sempre de setim branco. »

As Limenhas vestidas de *saia* e *manto* sahem sós; qualquer pessoa, sem faltar o respeito devido ao costume, pôde dirigir-lhes a palavra, e acontece muitas vezes que são ellas que tomam a iniciativa. A irregularidade do vestuario faz de huma rua ou de hum passeio hum baile mascarado perpetuo onde se atam intrigas sem conta. — A's vezes as mulheres de grande tom se occultam debaixo de huma saia em trapos á vista mais perspicaz do marido o mais suspeito; tambem estes ultimos, que não estendem até a si a rigidez dos costumes que querem impôr as mulheres, foram muitas



vez surprehendidos desagradavelmente que lhes respondiam ás suas imprudentes declarações, tirando o véo do rosto irritado de huma esposa á qual offereciam hum incenso illigitimo.

Como se vê, o vestuario de *saia e manto* consagrou em Lima a liberdade das mulheres; para ellas tem todas as vantagens, para os maridos só desgostos. He por isso que ha hum dictado peruano assim concebido: *Lima paraíso o de mugeres, purgatorio des hombres, inferno de borricos.*

As mulheres sahem sempre de mangas curtas; não se pode desconfiar muito d'aquellas cujas mangas cobrem a luva de maneira que não se pôde conhecer a cor da pelle. Não ha então que duvidar, a manta traidora encobre a face mais ou menos negra de huma africana, diante a qual se semeam em vão perolas de galanteria.

As Limenas andam geralmente muito curvadas e imprimem na parte inferior do corpo hum movimento voluptuoso d'oscillação, a ponta delicada do sapato de setim apenas toca o chão.

(Continúa.)

#### CAUSA E UTILIDADE PERMANENTE DAS PYRAMIDES DO EGYPTO E DA NUBIA.

##### I.

O seculo dezenove não será unicamente celebre pela grande epopéa napolioniana que assignalou o seu começo, sêl-o-ha tambem pela immensidade de progressos dos conhecimentos humanos. Descobertas destinadas a mudar a face do universo, a applicação do vapor á mecanica, os caminhos de ferro, os telegraphos electricos, o prodigioso desenvolvimento da industria, huma multidão de sciencias tiradas do nada, o mundo material, em fim, como o mundo moral, engrandecido, analysado nos seus mais reconditos segredos são os titulos que a este seculo garantem o respeito da posteridade.

Apenas se deve notar que neste grande movimento do espirito humano cabe sempre á

França a honra do primeiro lugar. Dominando a Europa alternativamente pela sua litteratura, pela philosophia, pelas armas, ella a esclarece presentemente, pela sciencia. Segundo as phases da civilisação muda os instrumentos do seu poder; mas jamais o abedica. Percorrei todo o circulo das sciencias, e não encontrareis lugar onde algum energico e laborioso filho da França não tenha arvorado as côres nacionaes. Vamos citar hum novo exemplo.

Sabe-se quaes foram os resultados scientificos da expedição do Egypto. Com o joven heróe, cuja espada victoriosa foi, como a de Alexandre, despertar a terra dos Pharaós, partito de França huma commissão de sabios illustres encarregada de sondar as trevas desta celebre sociedade, e de ampliar com novas conquistas o dominio do passado. Os resultados foram muito além das previsões do proprio genio. Huma antiga e gloriosa civilisação desenterrada de suas ruinas, os limites da historia do mundo recuados por dous mil annos, a indisputavel fonte de nossos conhecimentos restaurada, toda a antiguidade em fim illuminada com novo brilhantismo, taes foram os mais preciosos tropheos da nova expedição; porque em quanto a fortuna nos roubava a conquista politica, nos restava a conquista scientifica.

Para logo a Europa lançou os olhos para o bem da civilisação; immensos sabios se precipitaram ás margens do Nilo para concluirem a descoberta deste novo mundo historico. O segredo dos hieroglyphos causava sobretudo o mais vivo interesse; porque se a chave desta mysteriosa linguagem se descobrisse, a historia de quatro mil annos dever-se-hia naturalmente reconstruir com o grande numero de inscrições e manuscriptos do antigo Egypto, que possuimos. Ainda huma vez hum celebre francez Mr. Champollion teve a gloria de fazer esta preciosa descoberta.

Todavia faltava penetrar hum grande mysterio. Desde quatro mil annos as pyramides passavam no mundo por tumulos, perante os

quaes se confundia a razão humana na supposição de, segundo os calculos da commissão, exigir a construcção de cada hum quasi tantos materiaes, e por ventura tanto trabalho e despesa quanto a das maiores cidades modernas. Em vão se invocavam os caprichos do despotismo, o orgulho e loucura dos reis; designar taes puerilidades como causa de esforços tão prodigiosos era ferir as mais comensuras regras do bom senso. E nem os antigos nem os modernos poderam penetrar a razão politica ou religiosa do Egypto, de fazer questão de estado dos sepulchros de seus monarchas. Era assim pois de erer que ainda hum vez haviam querido os sagrados collegios do antigo Egypto occultar o seu segredo ao mundo; e que o espheisge, collocado junto das grandes pyramides, não era mais do que o emblema de hum desafio á posteridade.

Tal foi, com effeito e em contrario á opinião geral, a hypothese da commissão do Egypto. A' vista das reliquias magnificas da civilisação de hum grande povo, Mr. Jomard, illustre interprete da commissão, não trepidou em repellir supposições aviltantes.

Admittindo que o vaeo interior ou as galerias subterraneas das pyramides tivessem servido a accessoriamente de sepultura aos principes que tiveram a gloria de erigir taes monumentos, elle atrahio a sua construcção a alguma grande ideia scientifica por descobrir.

Infelizmente baldados foram os esforços da commissão para transformar o problema em questão scientifica digna de attenção. O mais absurdo e vulgar ciúme se tinha principalmente em França, como que identificado com os trabalhos da commissão. Triste consequencia de nossas discordias civis!

Paixões miseraveis, não se satisfazendo em perseguir nos membros do Instituto do Egypto os companheiros de gloria de hum heróe infeliz, se encarniçaram contra as tradições do Egypto como tropheos de hum das suas mais bellas expedições. Em vão os monumentos egypcios revelavam hum povo extraordinario

pela sciencia e pela sua organização economica. Qualquer obscuro pedagogo se julgava authorisado a insultar dos empocirados cantos dos nossos collegios a memoria deste povo. Além disso, força he confessal-o, o problema das pyramides parecia extraordinario; por tal forma se julgava impossivel indicar a causa destas montanhas facticias que o espirito humano se via coagido a humilhar-se perante semelhante incognita.

Não obstante isto hum sociedade de sabios inglezes resolveu ha cinco ou seis annos decifrar o enigma. Ella se dirige aos lugares de tanta celebridade, e reunindo grande numero de trabalhadores sob a direcção de hum habil engenheiro, dá começo ás explorações em grande escala. Apóz dous annos das mais vigorosas pesquisas e de abertos muitos povos e de escavadas immensas galerias, trabalhos em que se dispenderam sommas enormes, a sociedade, não descobrindo algum novo elemento para a resolução do problema, limitou-se ao banal argumento por muitos seculos repetido. As pyramides contêm sepulturas, logo não são mais do que tumulos.

Assim, como nunca, se apresentava impenetravel este mysterio. O mundo illustrado via-se na necessidade de encarar as maravilhosas construcções unicamente como esteril testemunho de louca vaidade e como hum magnifica expressão do nada; a memoria de hum grande povo parecia condemnada sem appellação.

Mas eis hum voz que do fundo de funesta prisão se faz ouvir para protestar contra a injusta sentença. Hum joven e instruido francez, estranho á sciencia official, e que até mesmo jamais vira o Egypto, não duvida arrostrar o espheisge.

Novo OEdipo, ousa cobrir de ignominia o monstro embora com risco de ser por elle devorado, e pela vez primeira depois de tão dilatados seculos a construcção das pyramides se explica por hum grande interesse.

[[Continúa.]]

PARALLELO ENTRE OS HESPAÑHOES E OS  
FRANCEZES.

O Francez come muito e com pressa, o hespanhol moderadamente e com pausa.— O francez faz-se servir primeiro o guisado, o hespanhol o assado.— O francez deita agua no vinho, o hespanhol o vinho na agua.— O francez gosta de fallar muito quando está na mesa, o hespanhol não diz hum palavra.— O francez se passeia depois de jantar, o hespanhol dorme, ou pelo menos se assenta.— O francez vai depressa pelas ruas, seja a pé ou seja a cavallo, o hespanhol sempre vai de vagar.— Os lacaios francezes seguem a seus amos, os dos hespanhoes vão adiante.— O francez para chamar a alguém por signaes, levanta a mão e a dirige para a cara, o hespanhol para o mesmo fim abaixa a mão e a vira para os pés.— O francez beija as damas ao cumprimental-as, o hespanhol não póde soffrer esta liberdade. O francez não aprecia os favores de sua dama em quanto não são conhecidos por seus amigos, o hespanhol nada acha mais grato em seus amores como o segredo.— O francez falla sempre do presente, o hespanhol do passado.— O francez necessitado tudo vende, excepto a camisa, o hespanhol a primeira cousa que vende he a camisa, conservando a capa até o ultimo apuro.— O francez veste de hum modo, o hespanhol de outro tão differente, que se se olha para elle dos pés á cabeça não se lhe parece em nada.— O francez crê que na Hespanha não ha mais do que Quixotes e Sancho-Pansas, e para amedrentar aos meninos lhes faz o *bu* com os hespanhoes, como hum espirito infernal, o hespanhol julga que os francezes são tão ridiculos como as *gavachos*, e crê que elles tem vindo ao mundo para divertil-o e fazel-o rir.

— SOCIALIDADE FLUMINENSE A PASCOA, OS  
BAILES MASCARADOS NO THEATRO DE S.  
PEDRO DE ALCANTARA.

Viver para hum só homem e de hum só

pensamente no interior de suas casas; passar o dia n'hum sala trançando os seus lindos cabellos, dispondo com graça a seu toilette para agradar a seus maridos ou para sentar-se junto da janella ao pôr do sol; respirar o ar fresco das collinas desde hum miradouro elevado, ou por entre as douradas rejas de sua casa: dar algumas voltas debaixo das laranjeiras e bananeiras d'hum bello jardim, ir a fazer hum giro pela rua em companhia de seu esposo, de tarde ou de manhã cedo, cuidar da casa, dispor o jantar, os doces, e o chá, tocar o piano e cantar alguma cavatina; eis ahi a sociabilidade das brasileiras em tempos passados. Este modo de existir era hum tanto monotono e tinha as suas vantagens e os seus inconvenientes, como todas as coisas humanas. Então não havia entre as senhoras tantas paixões ficticias e romanticas como hoje; eram escravas de hum amor occulto dentro do coração em quanto jovens e bellas, e mais tarde eram escravas dos cuidados domesticos e de seus filhos.— Não costumando ellas sahír n'aquelles tempos á rua senão huma ou duas vezes na semana no crepusculo da tarde ou no allumiar da aurora, estando privadas de mesclar-se na sociedade dos homens por huma especie de orgulho aristocratico e pelo costume herdado de seus antepassados; sendo quasi impossivel o vel-as mais do que por entre as fendas de suas janellas, como não era possivel ver em outro tempo, senão por entre exhalações encantadas do bosque ás fadas occultas aos olhos profanos; apenas davam as senhoras brasileiras alguns passos dentro de suas casas e passavam o seu tempo empregadas nos fazeres do seu sexo, em ler hum livro mistico ou em comer alguma fruta. Eram por tanto mais senhoras de seu tempo, tinham dias e horas fixas para receber visitas e arranjavam a seu gosto as relações sociaes; porém estas eram muito limitadas e havia nessa conducta hum não sei que de egoismo. Cumpridos os deveres sociaes da mais estricta attenção, passavam-se muitos dias e mesmo mezes sem



que vissem ás pessoas de sua amizade, a menos que as festas não viessem a reunil-as em sociedade. As tertulias de então não se occupavam de nenhuma especialidade importante; afora huma ou outra fria e monotona conversação, parecia que o elemento em que viviam estava esgotado; os mesmos prazeres pareciam as despedidas de huma dita que se hia para não voltar. Por isso não se conheciam nessa época essas ardentes e patheticas relações, nem essas tragedias historicas cujo interesse descança no *sentimentalismo* exaltado. A casta brasileira embora doutada de huma alma e de huma natureza ardentes, ignorava as subtilezas romanticas dessa vida amorosa, esses tormentos e essas voluptuosidades que hoje lhe envia o meio-dia da Europa, essas paixões violentas, outras vezes facticias, plantas parasitas que semarchitam no seu primeiro verdor. Porém quanta mudança de alguns annos a esta parte! Quantos progressos com a civilisação moderna, e com as vantagens da independencia! E quanto seria necessario dizer para mostrar estes progressos, esta face radiante e animada que hoje apresenta este bello paiz! Porém isto será assumpto de outro artigo. Bastandonos por agora dizer que as senhoras brasileiras comprehendem hoje melhor as vantagens de seu sexo e de sua posição na sociedade, e que os seus habitos nascem do intimo da civilisação moderna, vamos ao nosso proposito.—

A sociabilidade occasionada pela vinda da Pascoa tem sido animadissima, os *soirés*, os chás, os passeios tem sido magnificos; tem havido reuniões em que a gastronomia elevada não tem ficado em esquecimento, e em que as fitas tanto se vem ondear sobre os crespos d'huma bella como sobre as azas de hum lindo passaro. *Sine bacho et cerere friget*; esta he huma verdade; o espirito se dilata com os manjares, e adquire huma dilatação que o enleva. A mesa he o symbolo mais interessante e o laço social mais util da comunicação dos homens. O vinho, os manjares e o baile, são essencialmente commu-

nicativos, e o que os fornece he o mais communicativo de todos. —

Porém sobretudo os bailes mascarados do theatro de S. Pedro tem dado neste anno á capital do imperio huma especialidade que não tem tido até agora. Na verdade, bailes tão esplendidos, tão concorridos e em lugar tão sumptuoso, não se veem mais do que nas primeiras capitães da Europa. Houve grande esmero e gosto elegante na disposição e adornos. Essa immensa sala improvisada, como hum vasto theatro da antiguidade, esteve magnificamente illuminada, concorreram a ella pessoas distinctas de ambos os sexos; os camarotes estavam cheios, e sobre o tablado se deslizaram mil fiados pesinhos de bellas fluminenses, e estrangeiras, pela primeira vez nos annaes do Rio de Janeiro. Este he sem duvida hum outro passo na sociabilidade brasileira, excepto para os que não pensam como J. J. Rousseau, que nas reuniões publicas he onde mais se depuram os costumes e se ostenta o brilhantismo social.

O povo fluminense tem acolhido com enthusiasmo este divertimento que lhe tem enviado a Europa. As quatro noites do baile foram brilhantes; que animação e embelecço nessa noite! tudo era vida como sempre que intervem a belleza e a harmonia. A musica sahia em explosão pelas ventanas daquelle vasto edificio e se dilatava na atmosphera da noite com huma harmonia immensa; a mor parte do movimento esteve reconcentrado naquelle ponto da cidade adormecida, o theatro de S. Pedro d'Alcantara. Tudo contribuia a expansão dos gozos. As bellezas aristocraticas reunidas por hum desejo de curiosidade, presenciaram a traição d'algumas lindas de suas patricias, a sua passagem ás fileiras populares, onde despregavam todo o seu bom humor até então desconhecido. Dança corrida, movimento circular, de vai e vem, traças de todo genero, lindas caras debaixo d'hum véo, olhos negros e scintillantes por entre os buracos de huma mascara, corpos elegantes, e agis, for-



mas divinas que se adivinhavam debaixo de mil trajos peregrinos; divertimento franco, desembaraçado de todos os embaraços da etiqueta e do *delicadismo*, divertimento em toda a sua effervescencia e em toda a altura do enthusiasmo; eis-aqui o que offereceu o baile mascarado no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Hum philosopho severo que como o amante de Alice e arrastado por força de repente por hum linda mascara a essa immensa sala, se tivesse achado hum quarto de hora no meio desses sunidos estrepitosos da orquestra, no meio daquelle formigueiro de entes que se esparziam como ondas em todas as partes do edificio, abaixo, arriba, em derredor seu; olhando para todas essas traças, todas essas mascaras semelhantes, essa turba agitada; escutando esses ditos incisivos, essas vozes frautadas, que se assemelhavam a hum echo unico repetido mil vezes em manifestações identicas, teria sentido hum sensação de espanto e haveria sahido correndo daquelle lugar, maldizendo a invenção das mascaras. Porém hum espirito livre de preocupações e de escrúpulos, hum espirito social que não vê nestas reuniões mais do que hum face necessaria do movimento de hum grande capital, hum desafogo natural das grandes povoações á penuria e monotonia da existencia, á agitação turbulenta da vida, teria pegado na mão daquelle philosopho e detendo-o, ao querer este fugir, lhe teria dito, como Julia, diz em Paris a seu amante: olha, frigido pensador, olha para todas essas mulheres que estão aqui. Eu quereria que lhes tirasses as mascaras e lesses nas suas almas. As mais dellas são bellas de corpo e de espirito. As que te pareciam mais depravadas são ás vezes as que tem o coração mais terno, o genio mais espontaneo, as que praticam acções mais nobres, as que tem as entranhas mais maternas, as affecções mais romanescas, os instinctos mais heroicos. Pensa-o bem, coitado, todas essas mulheres de alheiação e de prazer são o selecto das mulheres, os typos mais extraordinarios e poderosos que tem sahido de mãos da natureza: por isso, graças aos pudicos legisladores da sociedade, vem aqui a procurar por hum instante, as illusões do amor no meio de hum turba de homens que fingem amal-as, e, entre elles, apparen-

tam desprezal-as. Os melhores e mais bellos seres da creação estão ali, forçados a arrostrar tudo, ou a pôr-se hum mascara e mentir, para que não as ultragem a cada passo. Tal he a nossa obra homens perspicazes que tendes feito hum direito de vosso amor, e do nosso hum dever.

#### BIBLIOGRAPHIA.

### PLUTARCO BRASILEIRO

POR

J. M. PEREIRA DA SILVA.

(DOIS VOLUMES.)

Conterá esta obra dous volumes de 400 paginas cada hum. A historia do Brasil, e sua litteratura são nella bem discutidas e analysadas, as vidas e feitos dos mais illustres Brasileiros são apresentados com todo o desenvolvimento: nella figuram Antonio Pereira de Souza Caldas, Salvador Corrêa de Sá e Benavideo, José de Santa Rita Durão, Francisco de S. Carlos, Visconde de Cayrú, Gregorio de Mattos, Thomaz Antonio Gonzaga, Padre José de Anchieta, Claudio Manoel da Costa, Sebastião da Rocha Pitta, José Basilio da Gama, Ignacio José Alvarenga Peixoto, Alexandre de Gusmão, Antonio José da Silva, Dr. José da Cunha de Azevedo Coutinho, Bernardo Vieira Ravasco, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, José Bonifacio de Andrade e Silva, José de Souza de Azevedo Pizarro de Araujo, Antonio de Moraes e Silva, Manoel Ayres do Casal, e outros muitos Brasileiros que adquiriram, nome pelas letras e armas. Esta obra he o resultado de muitos estudos e pesquisa do autor; pôde-se considerar hum monumento que se levanta á gloria do seu paiz, tirando do olvido tantos nomes de illustres Brasileiros.

O preço da subscrição he de 67000 reis pago no momento da assignatura.—Os nomes dos senhores assignantes serão inseridos no fim da obra. —

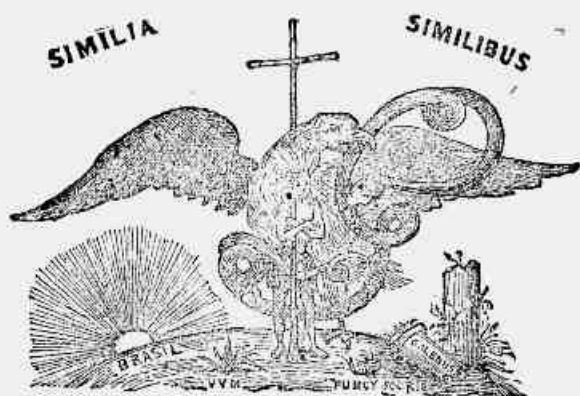
Chamamos a attenção dos nossos leitores para o Plutarco Brasileiro, que o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva, vai publicar. Não se pôde negar que he hum grande serviço que o Sr. Pereira da Silva faz ao paiz, tirando do olvido esses illustres Brasileiros que tanto honraram o seu paiz.

No numero seguinte continuaremos com os *Mysterios de Familia* que por hum obstaculo não damos neste numero.

#### ERRATA.

No artigo as—Limenhas—onde diz Mr. Cabanis, lê-se Mr. Chavagne.

## O GLOBO.



## NOTICIAS SCIENTIFICAS.

## A HOMOEOPATHIA.

## REVIRETE A HUM COMMUNICANTE.

Elle lhe diz: « Retira-te rafeiro,  
Que vens dar c'os narizes n'hum sedeiro.»

J. DE SOUSA.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTEREDEDENTE.)

As horas fogem, o tempo voa, a indignação suffoca-me, a paciência falta-me. Publiquei os artigos que o publico tem lido sobre a doutrina homœopathica, não para interesse meu, mas para proveito alheio; não para surprehender os medicos, mas para convidal-os a estudar e unico systema de que he possivel esperar salvação ao menos nas molestias chronicas, de quo a heteropathia não he capaz de curar nem meia; não para destruir o que ha de solido e demonstrado na antiga doutrina heteropathica, que não he pouco, mas para purgal-a dos absurdos que a conspurcam e que fazem a deshonra da sciencia: não para estreitar o circulo da possibilidade medica, mas para estendel-o. Se o Sr. *Scholasticus* não quer que quando fôr medico (que por ora o não he) o tenham por charlatão, em lugar de estar a copiar o que outros escreveram acerca da homœopathia, segundo agora fez, estude a sciencia, mate-se, canse-se com ella, pratique-a sem prevenção somente para examinar o que ella tem de falso e de

verdadeiro; e depois que o tiver feito, decida conforme o que a sua propria experiencia lhe tiver mostrado, e não por asserções sem provas nem fundamentos, conforme a pratica ordinaria d'aquelles que só sabem repetir o que outrem disse: e se, em lugar de obrar desta maneira, quizer antes merceer o nome de Dr. Sangrado ou de Dr. Purgão, eusoçe-se muito embora no sangue dos seus doentes, farte-se de dejeccões, que eu tudo quanto posso fazer-lhe he desejar-lhe mais saude do que aquella que os seus doentes hão de ter, e applicar-lhe as conhecidas palavras de *Molière* no *Doente Imaginario*:

Mille annis sangret, purguet,  
Debant infirmi morire  
Et ad diabolum ire.

## HOMOEOPATHIA.

## O SCHOLASTICUS AO SR. DO REVIRETE.

*Omnia quæque loca teneand sortita decenter.*

Mal pensavamos nós quando escreviamos duas palavras em sentido avesso ao autor dos artigos homœopathicos, que hiamos de encontro a hum sendeiro! Entretanto, S. S. disse nos deu certeza em sua epigraphie! Se tal nos passasse pela imaginação de certo não nos meteriamos com semelhante animalejo; e no caso de nos approximarmos, outra, que não a pen-

na, seria a arma empregada. A parte da epigraphic que nos quer offerecer nós lhe agradecemos e a restituimos toda inteira, porque bem lhe fica. Vamos ao que serve.

Nada de exclamações; nenhuma apostrophe; não aturdimos pingaem; limitamo-nos a apresentar, depois da devida venia, as opiniões dadas e as experiencias feitas por innumeros sabios sobre a homœopathia; e ao mesmo tempo fizemos vêr que este systema foi objecto de huma these sustentada perante a faculdade de medicina desta côrte; e que, em 1836 e 37, a *Revista Medica* muito se occupou da materia: mas S. S. responde com alaridos, grita deslealdade! exclama cobardia! brada quixotismo! e nisto cifra-se toda a sua resposta; pois que a these existe impressa, a *Revista Medica* he conhecida de todos, e os jornaes de medicina estrangeiros correm todas as mãos.

He desleal quem se arma de factos e não do ridiculo, quem cita autoridades conhecidas e não clama para o povo? He cobarde quem consultou sobre vossa partida, e só depois de ter certeza que ella não era prompta, e que se poderiam trocar palavras, que consentio na impressão? Certo que não; e vós não ousareis contrariar. Ainda mais, senhor, pôde-se considerar desleal, cobarde, &c., quem, estudando, se eleva a contradictar hum veterano; e que, ainda bisonho no escrever, entra em liça com hum já amestrado, e que tem por si todo hum publico acostumado a bem recebê-lo? A luta parece desigual; mas minhas armas são a razão e a experiencia; meus raciocinios filhos dos factos, minha guarda a justiça de causa que pleiteio.

Não cabe o argumento de que são passados alguns mezes, porque motivos talvez que vós ignorais motivassem a minha tardança; tanto mais que he sabido no Rio de Janeiro que alguém houve que vos respondeu em tempo, mas que o receio do vosso despejo, risivel escripto, rafeiro sendeiro que hes, e outros muitos argumentos desta especie, fez sobrestar a publicação. Contudo, em fevereiro deste mes-

mo anno, a *Revista Medica* tratou da homœopathia debaixo do nome de mysticismo; appellidou-a embuste; entretanto vós, que, como medico, pareceis deverieis ler o unico jornal de medicina publicado no paiz, e ter respondido ao artigo, não com injurias e sarcasmos, mas com argumentos e factos, nada fizestes; pareceis mesmo ignorar-o. Emfim, senhor, vim tarde, porém sempre tivestes tempo de responder-me, e de que fôrma?!

Principiais por huma injuria; captais a attenção do publico, e dizeis que não nego vossas observações, e que as vou mendigar na Europa. Pois as sciencias tem paizes; a medicina não he a mesma *servatis servandis* em França, Italia, Russia, Prussia ou Brazil? Se tal não he, mal vão os medicos, triste da humanidade; e peor ainda da homœopathia, que, nascida na Allemanha, filha de hum cerebro allemão, não pôde caber n'outros povos.

Vós mesmos estudastes a homœopathia em Paris, e por vosso argumento não a poderieis exercitar no Rio de Janeiro. Sentistes que não desse apreço a vossos casos clinicos: como preferir quatro observações a mais de trezentas? Como admittir huma doutrina cuja base he falsa? Já vos disse, senhor; Andral apresentou 130 ou 140 factos que depunham contra o principio da homœopathia; provou que elle e muitos collegas tinham tomado os remedios homœopathicos sem soffrerem incommodos alguns; logo o principio he falso, o remedio não cura porque faça igual molestia. Trouxe-vos Gue, de Bordeaux, que tomou, durante tres mezes, a belladona, e nunca soffreu da pelle ou garganta: Double, que tomou quina durante quatro mezes sem ter incommodos intermitentes; e mil outros que fizeram a experiencia para conhecer a certeza do systema, pois que repousa sobre esta unica base.

Lêde as *Revistas medicas Francezas* de 1835 a 1838, o *Bolletim Medico* de Bordeaux, o *Jornal Habbdomadario*, e todos os jornaes francezes de medicina dessa época, e conhe-



cereis se são falsos os factos que tenho apontado. Em os annaes de Hecker de 1833, também encontrareis alguma coisa; e ali se acham as experiencias, sempre infelizes, mandavas fazer pelo governo russo, já no hospital de Tuttstein, já na capital, pelo Dr. Hermann, que era todo homeopathia.

A quina, o sulphato de quina, os globulos de thuya o mercurio solavel, belladonna, arnica, todos os heroes da homeopathia foram desgraçados! Nenhum produziu molestias no homem são, nem curou o homem doente! Repetidas experiencias fez Andral, chegou a tomar o dar sulphato de quina em doses heteropathicas, sem nada soffrer. Que pacientemente se poz em resguardo dias antes de começar as experiencias, e mal comia migas de pão com leite, batatas ou assucar; apesar de todo o escrupulo, a belladonna não deu effeitos escaurates !!... Isto he lá para a Europa, cá no Brasil a homeopathia, bem que filha da outra banda, he coisa muito differente. Vejamos.

He sabido de todos que nossos avós tinham por costume roborar o estomago logo ao amanhecer com hum copo de vinho quinado, cosimento de fedegoso, quassia ou café sem assucar, que esta usança ainda he seguida nos nossos campos; e entretanto, se os principios homeopathicos fossem certos, teriamos de ver os nossos camponezes sempre a tiritar com maleitas, e os nossos antepassados seriam victimas de perennes febres. Se a quina produz todos os phenomenos da febre intermitente, nossos convalescentes a que se receita esta substancia, passariam a soffrer nova molestia. Se o mercurio produzisse symptomas syphiliticos, teriamos todos os doentes de peritonites, erysipelas, engorgiões glandulares, etc., sempre em luta com as terriveis consequencias de hum tratamento que lhes daria a syphilis. Finalmente, não haveria Inglez algum que não soffresse bubões, ulceras, exostoses, dores etc., se o principio homeopatico tivesse o vislumbre da veracidade, pois que esta nação faz hum prodigioso uso dos

mercuriaes, especialmente dos calomellanos, que até tomam por deleite. A Belladonna he também administrada na coqueluche, no scirrho uterino, nos espasmos musculares, na epilepsia etc., sem que nenhuma erupção tenha apparecido; que o digam os nossos praticos.

Lembraes o gelo, e já huma vez dissestes que o gelo, que fazia enregelar, era entretanto o melhor remedio para esta molestia. Pois bem, se o gelo he quem hade curar aos enregelados, deixai-os de conserva nas neves, não lhe presteis soccorros, que a seu tempo elles se levantarão curados homeopathicamente!!!

Todos quantos estudaram physiologia e pathologia sabem, dizeis vós, que os remedios produzem no corpo são effeitos analogos; aos que curam. Logo os sabios que tenho citado são huns ignorantes, nada sabem de pathologia nem de physiologia; e suas experiencias são falsas; entretanto, ellas foram publicas, attestadas por huma academia, como quer Voltaire; e o mundo rende-lhes como a honra de huma intelligencia sublime e cujos escriptos honram o seculo!

Não attribuis a hum medico o artigo anti-homeopatico: fazeis bem, senhor; permitti que, vos considerando apto para juiz n'outras materias, rejeite vosso juizo em medicina. Vós avançasstes que os medicamentos deverão ser experimentados no homem são, para dali tirar-se suas virtudes therapeuticas! Clamaste que era hum julgamento falso e filho da preguiça o dizer-se que a sangria era hum antiphlogistico! Fizestes mais, gritastes em alto e bom som, que as emissões sanguineas eram o mais violento irritante que jamais tenha obrado sobre a organização humana!!!

E sois vós quem escarnece dos conhecimentos medicos do autor do artigo?! Disse elle em algum tempo: « Nos tratados de pharmacologia só se encontram noções confusas e vagas, que só dizem—talvez—; que os medicamentos são empregados porque sua

«côr, cheiro ou sabor, estão em relação  
«com certos órgãos; que existem medica-  
«mentos antisepticos; que a gomma arabica  
«he empregada como agglutinativa; que o  
«opio se dá nas insomnias, os drásticos nas  
«constipações, etc., etc.»

Não senhor, fostes vós. Também disses-  
tes que depois da sangria o pulso ficava duro,  
o systema vascular crescia em energia; e  
que as nossas apoplexias eram frequentes,  
em razão da prodigalidade das sangrias! En-  
tretanto, dizeis que escreveis para os medi-  
cos; pensais que todos são charlatães. Que  
modelo tomastes, vós, senhor? *Scholasticus*.

P. S. Deixo se farte de dejeções quem  
com ellas se entreteve tanto tempo, e que  
tanta materia achou para entreter-se; em  
fim, quem muito se occupou com os resul-  
tados estercorarios.

## HOMOEOPATHIA.

### ULTIMO RUXOXÓ AO SR. SCHOLASTICUS.

Cágado, para que queres botas,  
se tu tens as pernas tortas?

(PROVERBIO PORTUGUEZ.)

*Sr. Redactor.* — Com hum pé no mar ou-  
tro na terra, quasi como aquelle anjo de que  
falla S. João no Apocalypse, me vejo na ne-  
cessidade de dirigir-lhe ainda estas duas li-  
nhas a fugir a fugir, porque he preciso dar o  
ultimo ruxoxó ao nosso amigo *Scholasticus*  
que de novo se acha em campo, já que tão so-  
frego parece de dar cutiladas no vento.

Se o primeiro artigo do nosso communi-  
cante fazia suspeitar que o homem não era  
medico, o segundo faz vêr que não só o não  
he, mas que nunca o ha de vir a ser; e a ra-  
zão he porque lhe falta o senso commum,  
que he o mais indispensavel de todos os ingre-  
dientes nos professores de huma sciencia que,  
mais do que nenhuma outra, exige agudeza  
de engenho, segurança de juizo, e, sobretu-  
do, a faculdade de discernir. Ora lance o lei-  
tor benevolo os olhos para o segundo artigo  
do Sr. *Scholasticus*, impresso no *Jornal do*

*Commercio* de hoje, considero-o com attenção,  
ainda mediocre, e diga-me em sua conscien-  
cia se me não dá razão ás carradas. Eis-aquí  
como o communicante discorre a respeito da  
homœopathia:

« Dizem os medicos homœopathicos que os  
seus remedios curam porque tem a proprie-  
dade de desenvolver no corpo são as *mesmas*  
*molestias que são capazes de curar no corpo*  
*doente*. Mas Andral em Paris, e Gué em Bor-  
dêos, tendo experimentado em si mesmos dif-  
ferentes remedios homœopathicos, não soffre-  
ram nenhuma dessas molestias cujo desenvol-  
vimento os medicos da mesma crença lhes at-  
tribuem. Logo, o principio fundamental da  
homœopathia he falso, e falso por consequen-  
cia todo o systema de medicina a que elle ser-  
vir de fundamento. »

O' homem, quem quer quehes! Quem foi o  
animal com quem aprendeste logica, que te  
não ensinou que cem factos negativos não po-  
dem ter força bastante para destruir hum  
unico positivo? Não vês tu com semelhante  
modo de argumentar não ha absurdo nenhum  
neste mundo que não possa ser transformado  
em axioma? Ora, eu vou mostrar-te hum  
exemplo bem palpavel disto que digo; re-  
para bem.

Dizem todos os medicos que as molestias  
venereas são contagiosas. Eu digo que não; e  
porque? Porque se eu na minha pratica, e  
cada hum na sua, temos visto muitos exem-  
plos de pessoas a quem se não communicou a  
infecção, apezar de terem tido commercio com  
pessoas inficionadas, claro está que he porque  
a molestia não pôde communicar-se; donde se  
segue que tudo quanto se tem dito e escripto  
contra semelhante principio he pura pèta. Que  
vos parece a consequencia?

Discorrendo do mesmo modo, poderia eu  
dizer que a febre amarella não he contagiosa,  
porque quando ella entrou em Barcelona,  
não attacou senão vinte mil individuos, tendo  
aquella cidade perto de 80 mil habitantes. E  
assim nos outros casos.

(*Continúa.*)